

A velha estrutura de produção começava a encontrar crescente resistência e perdia influência. Já em 1905, em entrevista a um jornal, Bernardino de Campos sacrificava a sua candidatura à presidência da República, ao afirmar que “o ideal republicano não é chegarmos à situação de termos um Estado próspero e uma população miserável: é obtermos que a prosperidade do Estado seja o expoente da prosperidade geral da população”.⁸⁷ Um líder industrial poderia agora — porque havia condições objetivas para isso — afirmar, com calor: “Encontrassem os capitais brasileiros todo o devido apoio, e o país não teria a recear lastimável desnacionalização de grande parte de sua atividade material”, acrescentando a acusação: “A ação pública, no meio pátrio, geralmente favorece e favorecia muito mais do que aos capitais brasileiros os que por sua origem, por sua gestão, por seus possuidores predominantes, pela exportação da maioria dos lucros aqui obtidos, foram e se conservam estrangeiros”.⁸⁸ O avanço da indústria brasileira prosseguia, apesar de tudo. Em 1914, a arrecadação do imposto de importação representava o triplo da arrecadação do imposto de consumo; já em 1917, este ultrapassava aquele em arrecadação. A crise cíclica de 1913 estava alcançando o Brasil e atingiria em primeiro lugar a economia de exportação, naturalmente mais vulnerável, repousando, na época, na borracha e no café: as cotações daquela caíam, de 1912 para 1913, de 58 para 46 mil réis; as do café, de 5,7 mil réis para 4,3. A Primeira Guerra Mundial agrava a crise da economia de exportação.

A guerra funciona, então, como barreira protecionista acidental, impulsionando a indústria e entregando-lhe o mercado interno. As importações caem, porque os fornecedores estrangeiros não podem colocar em nosso mercado o volume que antes colocavam; o mercado interno amplia sua demanda; há que atendê-la com a produção interna. É a industrialização por substituição de importações, fase inicial do desenvolvimento da indústria brasileira, com influência considerável no desenvolvimento das relações capitalistas aqui. A indústria cresce com a aplicação dos saldos no comércio exterior; os empréstimos externos não são renovados; os investimentos estrangeiros não ocorrem. A economia brasileira, transitoriamente liberta dos entraves impostos pelas forças econômicas externas, toma impulso. A guerra é, entretanto, acidente

⁸⁷ *O País*, Rio, 26 de junho de 1905.

⁸⁸ In Nícia Vilela Luz: *A Luta pela Industrialização do Brasil (1808-1930)*, São Paulo, 1961, p. 141.